



GT 65. Patrimônios e Museus: narrativas em disputa e processos decoloniais

Coordenador(es):

Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Thaís Fernanda Salves de Brito (UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

Patrimônios e museus vem apresentando instabilidade incomum numa configuração de narrativas em disputa. Se estas agências apresentam-se como refratárias à ação do tempo preservando acervos milenares e sendo regidas por regimes jurídicos que as protegem, pesquisas recentes apontam para conflitos pautados por projetos de futuro para sociedades plurais. Argumentos evocam destombamentos, repatriamentos de objetos, fechamentos e/ou reestruturação de museus, releituras de objetos, aparelhamentos de antigos museus por cultos religiosos, destituições de leituras antropológicas dos objetos, novos enquadramentos para as exposições. Somos surpreendidos por proibições de exposições, imposição de conteúdos, disputas estéticas. Por outro lado, processos decoloniais vem abrindo espaço para saberes insubmissos trazidos pela resistência de povos outrora silenciados, como os povos indígenas. Patrimônios e museus tornam-se ferramentas de lutas pela cidadania e pela igualdade social. Surgem os museus sociais, os museus indígenas, as museologias colaborativas, a auto-inventariação de conhecimentos tradicionais, demandas por patrimônios imateriais e tombamentos acionados pelos chamados "detentores", protagonistas de suas histórias de vida. Este GT pretende abrigar trabalhos de pesquisa em torno desta temática, tendo como eixo central a defesa do papel da Antropologia no campo de Patrimônios e Museus no sentido de afirmar o direito às diferenças e à visibilização de narrativas insubmissas.

Descolonização na metrópole: entre velhas narrativas e novas epistemologias nos grandes museus da cidade de São Paulo

Autoria: Julio Cesar Talhari (doutorando)

A apresentação tem o objetivo de analisar, no caso da cidade de São Paulo, de que maneira discussões sobre a ?descolonização dos museus? têm se desenrolado e o que apontam sobre o futuro do museu e seu papel na sociedade. A ideia é lançar luz sobre museus que acolhem grandes narrativas, especialmente por meio de objetos artísticos. Assim, o enfoque, na pesquisa de doutorado ? ainda em andamento ? que serve de base a este artigo, está em quatro museus de arte que supostamente dariam conta de uma história da arte na cidade: Pinacoteca de São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Ademais, inclui-se neste estudo o Museu Paulista (conhecido como Museu do Ipiranga), instituição de caráter histórico, mas com importantes obras de arte. Desse modo, o intuito é analisar como uma ideia de cultura visual reproduzida por esses museus pode ser contestada, e de que maneira, pela perspectiva da descolonização. O estudo em questão tem base em pesquisa etnográfica realizada nesses grandes museus da cidade a partir de 2018. O paper e a apresentação buscarão articular concepções mais teóricas sobre o processo decolonial ? especialmente autores do grupo Modernidade/Colonialidade, que enfocam especificamente o giro decolonial na América Latina ? com sua recepção e adaptação nas práticas museais em análise. Trata-se de uma tentativa de refletir sobre como grandes museus de arte e história de uma grande metrópole inserem-se nesse debate, que muitas vezes fica restrito a museus etnográficos ou comunitários. Além disso, seguem-se pistas de como a discussão sobre colonialidade e processos de descolonização/decolonialidade no âmbito dos museus pode relacionar-se com pautas na sociedade de minorias políticas que lutam contra narrativas hegemônicas que invisibilizam sua existência e seus processos



históricos. Em um contexto em que a modernidade está em cheque, se é que de fato realizou seu projeto, como o museu, uma invenção do Iluminismo, lida com as exigências da contemporaneidade? A questão aprofunda-se ao pensarmos o caso brasileiro, que mesmo na periferia da modernidade e do Ocidente abriga grandes museus com narrativas europeias, seja por meio de objetos artísticos, seja por meio de objetos e documentos históricos. Como os museus brasileiros respondem às demandas de movimentos sociais que questionam o lugar supostamente neutro do branco, descendente de europeus, e ponto de partida da narrativa museal, como criador de explicações que se propõem universais? O que, no nosso contexto, e especificamente na cidade de São Paulo, significa a demanda por uma ?descolonização dos museus?? Essas são questões motivadoras da investigação proposta.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: